Tell me what moves you, and I will tell who you are

O título mais ou menos enigmático desta intervenção é uma adaptação de uma frase de John Ruskin, poeta e crítico social britânico da segunda metade do século XIX e tem como principal objetivo dar início a uma breve reflexão sobre o que é investigar, ou melhor dito, o que pode ser investigar em Literatura no mundo atual, do meu ponto de vista.

A investigação teve, tem e continuará a ter uma relevância extraordinária, a investigação na área das Humanidades, nomeadamente da Literatura teve, tem e terá o seu lugar, porque as Humanidades ainda importam e a Literatura ainda importa. A Literatura ajuda-nos a pensar melhor e aguça a nossa visão crítica do mundo.

Ajudar alguém a iniciar um projeto de investigação passará por entender qual o ponto de partida, que autores, que temas, que problemáticas o/a movem, pois, estas questões são, necessariamente, decorrentes da identidade de cada um e definem-nos enquanto pessoas. Mas antes de vos falar sobre o que entendo ser uma forma possível de fazer investigação em Literatura, de vos falar sobre a importância de sabermos de onde partimos, o que nos move, para sabermos quem somos, gostaria de fazer aquilo que os ingleses denominam de *nuts and bolts* (porcas e parafusos) – de falar sobre pormenores e aspetos básicos do trabalho de investigação, falando-vos de 3 aspetos: dos planos, da redação da dissertação e da relação com o orientador.

Planos: estes são importante, mas não são imutáveis. Embora tenhamos um plano muito apertado, calendarizado e estruturado, há sempre mudanças. É impossível começar com

a certeza de qual vai ser o tópico mais produtivo ou a melhor forma de o tratar. Há circunstâncias com que não contamos, como fontes e recursos disponíveis, percalços inesperados, a alteração das abordagens. Se o objetivo é usar uma estratégia de investigação que possa de forma produtiva e apropriada iluminar a matéria escolhida, será bom não nos agarrarmos desde muito cedo a um modelo, a uma teoria, a um paradigma. Temos de deixar que o trabalho de outros teóricos entre em diálogo connosco e com o nosso tema e encontre o seu lugar na investigação particular que estamos a realizar.

Redação - é bom que tenhamos consciência de que todo o trabalho de investigação é finito, uma dissertação, sendo importante, é uma peça de trabalho, com horizonte temporal, e que forma uma plataforma para artigos futuros, para um livro, para trabalho de *post*-doutoramento, por exemplo. Não é o trabalho de uma vida, mas uma fase dessa vida. Sabemos que há um equilíbrio difícil entre a investigação e outras atividades, mas há que encontrar o ritmo certo, pois o ato de escrever é um ato de devir, sempre inacabado, como escrevia Gilles Deleuze. Mas numa dissertação há que saber colocar o ponto final. O processo de redação é um momento a ter em conta, pois a investigação é constituída por uma longa peça escrita. Não se faz investigação e só depois se escreve. Devemos escrever sempre como rotina, como padrão de trabalho: chegaremos à conclusão que teremos material reescrito, usado noutra parte do trabalho, baralhado, cortado em excertos e reutilizado. Diria que acumular material, adiar a redação, encontrar mais material, adiar de novo a redação e mais tarde tentar escrever sobre tudo isso, é desastroso e assustador. Mas se formos escrevendo, muitas coisas positivas acontecem neste processo: relações entre temas e entre capítulos, ou outras perspetivas que se vão descobrindo e que só acontecem no e através do processo de escrita.

E não se diga que é fácil, pese embora seguirmos esta ou outra metodologia – há obviamente momentos em que tudo se torna difícil, por exemplo, quando se percebe que as abordagens ou os pressupostos teóricos iniciais não se coadunam, e que muitas vezes a água corre debaixo de um leito seco de rio, só borbulhando mais tarde. Há momentos de desalento, em que se acha que há muitas direções a seguir, muitos temas, muitos objetivos.

Investigar é fazer escolhas, é ser livre de escolher o destino; investigar é incluir coisas e excluir outras, mas só assim conseguimos chegar a um patamar de originalidade e de marca identitária do investigador, com as respetivas consequências epistemológicas de criação de conhecimento. Partindo da lição metodológica do intelectual palestiniano Edward Said (1979: 16) devemos, num primeiro momento do nosso trabalho investigar a grande massa de material disponível, para, a partir desta, proceder, ainda nas palavras de Said, a um ato de delimitação. Os temas podem ser, por vezes, muito atuais, emergentes de novas formas de pensar para as quais não há ainda muitos guiões, por isso, são importantes, porque inovadores. Representam, de igual modo, escolhas sobre as quais o investigador é encorajado a escrever, indicando pontos de partida pessoais, intelectuais, políticos, indicando a origem do projeto e a razão porque é importante no momento da escolha.

Orientador - A relação com o orientador é fulcral, pois embora seja o investigador que faz o trabalho, o apoio intelectual e pessoal é determinante. Para nós é, de facto, um privilégio poder trabalhar com um investigador profundamente motivado, numa relação centrada num conhecimento especializado e detalhado, no entusiamo pelo tópico escolhido, no apoio consistente e na determinação em se obter um grau de doutorado. Isto

implica reuniões regulares, redação regular e no fim, até discussão sobre assuntos que podem surgir na prova pública. O orientador é alguém atento ao desenrolar do processo,

aos prazos, à extensão do trabalho, que dá resposta linha a linha, tentando clarificar ou expandir argumentos, sugerir mudanças na ordem e na estrutura, que dá ideias sobre outras fontes relevantes. O orientador não deve andar 'à caça' de algo após longos momentos de silêncio, mas antes deve promover encontros regulares onde se mostram e se discutem ideias e esboços de redação.

Falemos agora então um pouco sobre como se pode investigar em Literatura:

Eu estou na profissão de ensinar e de estudar Literatura. Isto significa ter milhares de horas de leitura e de análise de Literatura, como leitora que foi aluna, como investigadora de Mestrado e de Doutoramento e como Professora.

E perante o sucesso de cursos de Doutoramento em Literatura como o da Universidade de Évora, interrogo-me, face a estatísticas internacionais que nos dizem que há cada vez menos leitores, sobretudo entre os jovens: porque é que alguém quer devotar tanto do seu tempo a isto? Porque é que há pessoas a quererem trilhar este caminho? E só posso concluir uma coisa: no século XXI, a Literatura claramente importa, tem significado, e importa de forma diferente para cada um de nós. Há quem a estude do ponto de vista genealógico, procurando respostas e traçando o debate em Platão e Aristóteles, outros analisam características formais, como sejam a sintaxe, o ritmo e outras estruturas que identificam a Literatura como única e com um papel especial, outros ainda que consideram que o mundo ficcional proporciona alternativas, colocando o mundo atual em perspetiva, ou que abre os olhos para injustiças sociais. Há quem entenda a Literatura como algo que forma uma identidade mais complexa, para quem a Literatura interessa

ontologicamente, para quem a Literatura cultiva o gosto estético, para quem explica a biologia evolucionária, a linguística cognitiva, etc. E há a quem a Literatura interessa porque a considera a ponte entre o nosso pensamento interior e o que percebemos no exterior de nós próprios.

É difícil defender Literatura como uma categoria estável: a sua semelhança é feita inteiramente de diferença. A Literatura é hibrida, pode ser cruzada, em minha opinião, com qualquer coisa área de saber, com a antropologia, com a geografia cultural, com a linguística crítica, por exemplo.

Com tantas razões para escolher a Literatura como pano de fundo para a investigação, há algo sobre esta que julgo ser indubitável e consensual: a Literatura é uma categoria insuscetível de limitações, impaciente de restrição, uma mistura de poesia, de romance, peças de teatro, sermões, tratados, diários, cartas, livros de filosofia e de ciência, antes pensados como fonte de verdade e hoje em dia, muitas vezes, lidos como ficção.

A ficcionalidade é a marca mais saliente da Literatura, pois assenta em sistemas ficcionais que se solidificam naquilo a que chamamos géneros. Falemos de narrativa, de drama ou de poesia, a Literatura expande-se infinitamente na abundância de possibilidades de abertura ao mundo, de interpretações, e finitamente no número de ferramentas que utiliza para extasiar, conduzir e ativar o compromisso cognitivo e emocional. No processo de leitura reconstruimos a história à medida que o discurso se desdobra, linha a linha, página a página, palavra a palavra.

Partindo do pressuposto de que o que quer que a Literatura seja, ela é o processo e o resultado de uma composição formal dentro das propriedades sociais e igualmente formais de uma língua (Williams 1977: 46), a Literatura produz sentidos, constrói e

representa realidades, por meio da faculdade constitutiva do ser humano que é a língua, a qual articula as experiências e se constitui como uma presença social, estética e ética no mundo.

Na senda de perceber a razão porque interessa ler, estudar e investigar Literatura aqui e agora, pensemos que podemos incluir nesta leitura, neste estudo ou nesta investigação a exploração do conteúdo e da forma, bem como o efeito pragmático do texto, o compromisso cognitivo e emocional tanto do autor como do leitor na criação e no consumo da Literatura.

Recorro a uma comparação: tal como o pintor segue um léxico, uma sintaxe e uma gramática que combina cores e cria texturas e dimensões, com o objetivo de comprometer o seu público de modos específicos, também o escritor usa palavras, frases, tempos verbais, pontos de vista de modo a que o leitor recrie de forma ativa as experiências que representa e as estruturas de sensibilidade que cria. O autor espera do leitor não uma receção passiva, contemplativa, mas uma resposta ativa, pois tal como no léxico, na sintaxe e na semântica da pintura há uma dimensão pragmática – a enorme esfera de emoções, reflexões e pensamentos esperados pelo pintor, também na Literatura, o autor espera a comunhão de sentidos e de significados, num processo descrito por Stuart Hall como o processo de codificação e descodificação, em mapas de significado partilhados entre as duas identidades em presença – o escritor e o leitor.

Se por um lado, comunicar as experiências vividas permite ao autor construir condições de possibilidade ou de plausibilidade da história que conta, e criar processos de significação, estes, por outro lado, concorrem para uma determinada perspetiva que se coaduna com o horizonte de expectativa do leitor. Se para o escritor este processo criativo

é de vital importância, não menos importante é o papel do leitor que, na sua capacidade de perceção, na atividade criativa de leitura, é capaz de interpretar e descrever as histórias e as experiências que lê.

Na realidade, o leitor envolve-se na tarefa de fazer sentido do que lê, na medida em que, por mais bem-sucedido que um artista seja, diz Williams ([1961] 1965: 46), e por melhor que tenha conseguido dar forma transmissível, comunicável, à sua experiência, esta só pode ser recebida pelo outro, por meio de uma atividade criativa da perceção. Dito de outro modo, a informação transmitida tem de ser interpretada, descrita e apropriada pela perceção e organização afetiva, intelectual, ideológica e cultural do leitor.

Os textos literários e as texturas ficcionais podem ser entendidos como a própria matéria da vida, podendo optar-se por investigar os textos literários pelo seu valor estético e literário intrínseco, mas também como formas de cultura, pois, na Literatura estão contidos todos os modos de vida de uma sociedade particular, num momento particular. Estão contidos os padrões de comportamento e as constelações de ideias partilhadas por homens e mulheres que produzem e que consomem os textos e as práticas dessa sociedade.

A Literatura institui-se como matéria essencial para encontrarmos as estruturas de sensibilidade, porque, sendo a Literatura uma forma de criação e de comunicação, ela representa por excelência, quando as testemunhas vivas se calam, o sentir real, o pensamento sentido e a sensibilidade pensada, criando um sentido de comunidade entre os diferentes elementos presentes no texto e entre este e o leitor, sentido esse que torna a comunicação possível. Analisar nas obras de arte literária as estruturas de sensibilidade é analisar a forma e o significado, o sentimento e o ritmo.

Tell me what moves you, and I will tell who you are

A Literatura aumenta a nossa perceção, experiência e conhecimento do mundo e de outros seres humanos fazendo uso de meios formais e temáticos que tornam a leitura e a releitura uma atividade gratificante e reveladora. É uma exploração imaginativa de cosmovisões, de circunstâncias, nunca perdendo de vista os dispositivos estéticos, criativos e imaginativos. Mas, como já referi anteriormente, a Literatura é também o reflexo de uma época ou de um povo, ou uma certa forma de entender o mundo numa circunstância particular. Se é inegável que qualquer obra literária é produto da capacidade imaginativa e criativa do seu autor, é também inegável que esta capacidade imaginativa resulta da articulação do texto e do contexto, à luz da qual a obra pode ser lida e interpretada, pois o processo de interpretação não é nem arbitrário, nem abstrato.

É a presença da vontade do autor que distingue a Literatura que ensina o leitor a ler e a Literatura que simplesmente conta uma história. A Literatura envolve autores e leitores num tempo e num espaço, leva-nos para além dela própria: penso que concordarão comigo se eu disser que uma discussão sobre livros rapidamente se transforma em deliberações sobre o mundo que representam. Assim e inevitavelmente, para a crítica literária que procura segurar o objeto sobre o qual construiu uma disciplina, a dificuldade com a Literatura vem sempre da definição das suas fronteiras e dos seus limites.

Como estudiosos, investigadores e Professores de Literatura o nosso negócio é o negócio da Literatura, o que não significa que ignoremos as outras áreas de saber, mas também não significa que passemos a ser sociólogos, linguistas, cientistas cognitivos, etc. O que devemos é conhecer a investigação que se faz nestas áreas para melhor percebermos como funciona a Literatura.

A perplexidade da compreensão (Inglis 1993) é o ponto de partida para a busca de um

modo de pensar e de uma forma de expressão pessoal e crítica, numa luta entre a continuidade, a semelhança e a reprodução de um estudo literário, artístico e estético e o encetar de um percurso de rutura e de diferença nos modos como se abordam as questões de Literatura e de Cultura.

Talvez o nosso papel seja o de ensinar métodos específicos para compreender como a Literatura funciona e se pode virar para outros campos de investigação, não para nos tornarmos especialistas neles, como já afirmei, mas para ver como outro tipo de investigação nos pode ajudar. Quando se defende a interdisciplinaridade estamos a reconhecer as diferenças disciplinares e as fronteiras e não o apagamento disciplinar total, estamos a perceber como o entrecruzar de saberes pode iluminar a nossa atividade nas Humanidades,. A denominada grande tradição literária filológica na qual a tarefa do crítico era julgar as obras de arte literária como Literatura maior e menor, deu lugar a uma incerteza derivada do reconhecimento dos modos como a Literatura está emaranhada continuamente com outros discursos. Os textos literários codificam padrões e estruturas de sensibilidade (Murdock 1997), sendo portadores das marcas dos processos que os produziram.

Mas para que esta interdisciplinaridade aconteça é necessário que não paremos nas fronteiras dos textos, é necessário que as atravessemos, já que as abordagens transdisciplinares da cultura e da sociedade transgridem a fronteira entre várias disciplinas académicas (Kellner 1997), numa conjugação de fontes e de disciplinas. Sugerindo que não devemos parar na fronteira de um texto, o crítico americano Douglas Kellner (1997) argumenta que devemos perceber os modos como este se integra em sistemas de produção textual, articulando o discurso numa determinada conjuntura

istórico-social.

Ao trazer a cultura para a investigação em Literatura não se pretende reduzir e converter esta última a questões de cultura, mas sim dar um passo em frente na consideração, na demonstração e no desejo de ultrapassar os limites disciplinares impostos por escolas de pensamento, como o formalismo, o *new criticism*, o estruturalismo, em torno da disciplina de Teoria da Literatura, não fechando o estudo da Literatura em si mesmo, não o reduzindo a um objeto e a um tema fechado em si mesmo. Este é um reconhecimento de que os atos dos homens compõem uma realidade que compreende simultaneamente a arte e a sociedade, numa articulação de ambas com todo o complexo de ações e sentimentos humanos. Usando a imagem do crítico cultural e historiador britânico, Robert Young (1996), 'a mesa tem de ser virada', já que não devemos confinar a Literatura a uma dinâmica discursiva particular e restrita e temos de ser capazes de mediar a polaridade do paradigma literário e a do paradigma cultural; a cultura é um outro modo de falar de Literatura, de língua e de ideologia e de uma diversidade de formas, de práticas e de identidades que a fazem sair dos termos de referência das torres de marfim da academia (Adam and Allan 1995).

Configurar a investigação em Literatura desta forma é perspetivar aquilo que aparentemente são duas metades rasgadas, duas antinomias: a cultura elevada, da qual fazem parte as artes em geral, a estética, a cultura institucional e institucionalizada, canónica e a cultura comum, produto de um processo de democratização da cultura e da sociedade que inclui as ideias, as atitudes, a língua, as práticas, as instituições e as estruturas de poder, a economia, a sociologia, a história. Falar de Literatura é falar de cultura elevada e de cultura comum, é falar de todas as práticas culturais, das formas

artísticas, dos textos, dos cânones, e investigar em Literatura pode ser, em meu entender uma prática post-disciplinar, pode ser a articulação entre a análise do fenómeno literário numa perspetiva humanista e filológica, com o foco na importância imanente da linguagem e da literariedade e a análise desse mesmo fenómeno que rompe com as fronteiras disciplinares e abole as hierarquias. Tal não significa subordinar o estudo da Literatura a uma mera crítica ideológica e à disseminação de um ecletismo sem rigor metodológico. Pelo contrário, significa, em minha opinião, agregar aportes teóricos que permitem trabalhar o objeto literário, as suas filigranas, procurando relacioná-lo com o contexto de produção e de receção; isto é, deixar que a investigação ocorra através de um diapasão próprio.

Nas palavras de Roland Barthes:

> (…) mostrar o caráter **ilimitado** de uma obra é fazer dela um Texto: (…) há Texto em toda a parte onde uma actividade de significância é encenada segundo regras de combinação, de transformação e de deslocamento: nas produções escritas, é claro, mas também nos jogos de imagens, de signos, de objectos: nos filmes, nas bandas desenhadas [histórias em quadrinhos], nos objetos rituais. (*O rumor da Língua.* p. 83).

Para terminar, dir-vos-ei que:

Entendido o facto de que a análise crítica dos textos literários poderá passar por um estudo das práticas culturais neles representadas, num processo dinâmico em que cultura não pode rimar com sepultura (Williams 1958) e tendo aprendido com Said (1979) o princípio do começo, onde não há pontos de partida dados ou disponíveis, temos de ser capazes de traçar o nosso caminho, com as nossas experiências, os nossos contextos, as nossas práticas, pois cada um de nós tem de aprender a ver (Williams 1961), já que só por meio de um processo lento de aprendizagem nos podemos desenvolver como seres humanos.

Tell me what moves you, and I will tell who you are

Investigar em Literatura em articulação com uma agenda de estudos de cultura é escolher um posicionamento que não desvaloriza a Literatura, nem as outras artes, mas que assume uma perspetiva e preocupação críticas de articulação da natureza social, ética, histórica, económica, artística e estética da experiência vivida em sociedade e registada nas palavras dos textos literários. Ao reconhecer que a experiência é parte do empreendimento crítico, que está imbricada na posição crítica que se adota, podemos ver como esta nos dá uma orientação e ratifica o nosso movimento.

O nosso posicionamento crítico e ideológico enquanto leitores, académicos, investigadores é fundamental para a construção, por via da leitura e da crítica, de uma ontologia investigativa, de uma identidade, pois fazemos parte de uma formação social e temos experiências do quotidiano, partimos de pontos diferentes com o objetivo de encontrar o verdadeiro lugar da Literatura na nossa vida. E sabemos que na nossa busca de um tema, de um autor, de uma perspetiva crítica temos a responsabilidade de garantir que uma obra literária não se perde, na fluidez da contemporaneidade, líquida e leve, nas palavras do sociólogo polaco Zygmunt Bauman.

Investigar é saber manter o trabalho e a chama vivos, é considerar que o nosso trabalho constitui uma contribuição genuína para a evolução do conhecimento científico, é saber de onde partimos, e qual o cariz pessoal que incutimos a todo o processo. **Tell me what moves you, and I will tell you who you are,** foi por onde comecei. As mudanças reais da nossa identidade emergem da interligação entre as circunstâncias e os acontecimentos e o modo como nós, como indivíduos, lhes respondemos, pois cada um de nós é único, age e pensa de forma diferente, experiencia a vida de forma distinta, e isto permite-nos assumir o mundo.

Ana Clara Birrento

Jornada Doutoramento em Literatura, Évora, 22 de novembro de 2016

Deixo-vos um desafio.

Será, talvez, interessante, no final deste dia, no aconchego das vossas casas, pedir que pensem em algo específico, numa pequena passagem de um livro que vos tocou – por alguma razão que eventualmente não se consegue explicar de imediato - e fazer o exercício de se afastarem desse livro, de criarem uma distância como se este não existisse e então, após a ausência, repensar quais os fragmentos de que se lembram. Estas serão as pedras de toque, as coisas de que nos lembramos involuntariamente podem estabelecer as direções e as prioridades da nossa investigação, resultado daquilo que nos marca, que permanece na memória, memória que é uma tecnologia de poder (Foucault: 1998) que seleciona e cria os nós de coerência com a realidade. Pensar no livro, nas palavras deste, sem o livro, tendo como objetivo retornar a ele é uma experiência de pensamento e um excelente ponto de partida. É através das palavras e nas palavras que se vê e que se ouve, é através das palavras que questionamos o mundo e traçamos caminhos que só são percorridos em virtude das trajetórias interiores e exteriores que constituem a nossa paisagem do ser.

Obras Citadas

Adam, Barbara and Stuart Allan. "Theorizing Culture: an Introduction". In ***Theorizing Culture: An Interdisciplinary Critique after Postmodernism.*** Edited by Barbara Adam & Stuart Allan. London: University College London Press, 1995, xiii-xvii.

Bauman, Zygmunt. ***Liquid Modernity***. Polity: Cambridge, 2000

Inglis, Fred. ***Cultural Studies.*** Oxford: Blackwell, 1993.

Kellner, Douglas. ”Critical Theory and Cultural Studies: The Missed Articulation”. In ***Cultural Methodologies*.** Edited by Jim McGuigan. London: Sage Publications, 1997, 12-41.

Murdock, Graham. “Cultural Studies at the Crossroads”. In ***Studying Culture: An Introductory Reader***. 2nd Edition. Edited by Ann Gray and Jim McGuigan, London and New York: Arnold, 1997, 80-90.

Said, Edward W. ***Orientalism***. New York: Vintage Books, 1979.

Young, Robert CJ.C. “The Dialectics of Cultural Criticism”. In **Angelaki** 2:2: ***Authorizing Culture***. Edited by Gary Hall and Simon Wortham. 1996, 9-24.

Williams, Raymond. ***Culture and Society, 1780-1950***. London: Chatto & Windus, 1958; Harmondsworth: Penguin, 1961.

_____. ***The Long Revolution***. London: Chatto & Windus, 1961; Harmondsworth: Penguin, 1965.

_____. ***Marxism and literature***. Oxford: Oxford University Press, 1977.